

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

82.09
S237a

Bx 1
C 92569324

“ANIMAL FARM: UMA UTOPIA ÀS AVESSAS”

Patricia Forin dos Santos



82.09
S237a

Pontes e Lacerda – MT, dezembro de 2001.

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

“ANIMAL FARM: UMA UTOPIA ÀS AVESAS”

Ensaio monográfico apresentado para
conclusão do curso de licenciatura em Letras –
UNEMAT – Campus Universitário de Pontes
e Lacerda.

Orientador: Hélyvio Gomes de Moraes
Júnior

Pontes e Lacerda – MT, dezembro de 2001

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão para as pessoas que me motivaram e que estiveram ao meu lado nos momentos difíceis.

Obrigada ao meu orientador, Héliú, pela paciência e otimismo, que em mim depositou confiança e parceria para a conclusão desta primeira etapa do trabalho.

Obrigada também aos colegas de classe e professores que compartilharam comigo toda trajetória deste curso.

À toda minha família, que não mediram esforços para me ajudar. Ao meu namorado, Fábio Caserta, que apesar da distância, esteve me incentivando.

À todos, muito obrigada.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe , que por muitas noites mal dormidas ficou ao meu lado. Obrigada, Ana Maria de Fátima Forin.

"Eu não espero pelo dia em
que todos os homens
concordem,
Apenas sei de diversas
harmonias bonitas possíveis
sem juízo final."

"Caetano Veloso"
Fora de Ordem

SUMÁRIO

Apresentação -----	8
Surgimento do termo utopia-----	9
George Orwell e “Animal Farm”-----	15
Considerações Finais -----	24
Bibliografia -----	25

APRESENTAÇÃO

Através da análise do romance “**Animal Farm**” de **George Orwell**, este trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão de elementos distópicos presente na obra . Para tanto , partiremos do conceito de utopia, apresentando-o desde seu surgimento com Thomas Morus na obra “A Utopia”, publicada em 1.516 em Lovaina.

Iniciaremos por um breve relato da ilha utópica descrita por Thomas Morus e outros escritores que também trabalharam com esta visão utópica como Platão, Aristóteles, Rabelais e Campanella.

Faremos uma contextualização da época em que George Orwell viveu até a publicação de “Animal Farm”.

A seguir mostraremos em “Animal Farm”, alguns elementos distópicos , os quais faremos uma relação com algumas características utópicas nos séculos que antecederam George Orwell.

Surgimento do termo utopia

Na busca da significação de utopia reportamo-nos ao século XVI, quando este termo foi cunhado por Thomas Morus, um humanista que descreveu uma sociedade ideal, a partir do grego como *ou (não) + topos (lugar), lugar que não há, ou ainda (feliz) + topos (lugar)*.

Thomas Morus era conselheiro do rei Henrique VIII e por não concordar com os projetos matrimoniais e religiosos que o rei adotou, demitiu-se do cargo, pois seria submetido a um juramento de dedicação exclusiva ao rei.

Destemidamente, Thomas Morus se opõe sem reservas ao sistema vigente no país pelas injustiças cometidas pelo rei, a favor de seus ideais, desconsiderando qualquer repressão, até mesmo no caso do assassinato de seu amigo John Fisher.

A “Utopia” de Thomas Morus é a imagem invertida da sociedade em que viveu. A ilha utópica é um lugar, no qual a harmonia e o trabalho são princípios básicos que a regem. O enredo inicia-se quando Morus conhece Rafael Hitlodeu, viajante, também com formação humanista, fala de sua vida e viagens que fizera pelo mundo.

Hitlodeu conta-lhe sobre relações entre o povo e os governantes da Inglaterra, percebendo principalmente a evidência de corrupção, violência, injustiças e uma situação econômica precária. Para ele a classe pobre era menosprezada pela burguesia ascendente para Thomas Morus também era **“... condenável o fato e os culpados são conhecidos- são os grandes proprietários, que vivem em luxo supérfluo, indiferente a miséria que os cerca.”** (LOPES, Mauro Brandão. A utopia p. 32)

Diante dessas observações, Hitlodeu justifica o motivo pelos quais os indivíduos da Inglaterra são levados a praticarem furtos. No cenário de miséria, a moral se perde em meio à corrida pela sobrevivência.

Em oposição à insensibilidade dos poderosos, Hitlodeu culpa a classe alta por tal crime.

A análise do problema do roubo constitui uma contundente condenação de um sistema de “justiça” em que os pobres são compelidos por terrível necessidade a roubar e depois pagar por isso com a morte.
(Morus, Thomas. A Utopia, p.26 / S.Paulo 1.999)

No diálogo de Morus com Rafael Hitlodeu, este fala de um lugar que conheceu, que se chama Utopia, uma ilha onde o princípio básico era a igualdade. Morus, um dos personagens da obra, fica surpreso com o que Hitlodeu lhe relata sobre a viagem à ilha Utopia, cuja capital chama-se Amaurota e as cidades vizinhas fazem parte de um mesmo conjunto sob as mesmas leis e princípios.

Na Utopia, os magistrados são escolhidos pelo povo com o papel de ajudar o rei a tomar decisões e a reprimi-lo se acaso for contra o povo.

O trabalho dos utopianos é a prática da agricultura, ninguém na ilha isenta-se de tal ofício. As famílias confeccionam suas próprias roupas e todo o trabalho é dividido conforme a capacidade: as mulheres fazem o trabalho mais leve e os homens, os mais pesados.

Toda essa civilização não é movida pela riqueza material, pois para os utopianos os bens materiais são vaidades. Nenhum sentimento de inveja, orgulho, egoísmo, injustiças, fazem parte do cenário da Ilha de Utopia.

A sociedade de Utopia criada por Morus surgiu num momento crítico em o autor percebe que as pessoas estavam cansadas de ser maltratadas e sugadas pelo sistema da classe dominante que usando de seu poder econômico para explorar cada vez mais os esforços de miseráveis, injustamente os condenava a trabalhar como escravos sem receber quase nada em troca.

A principal causa da miséria pública reside no número excessivo de nobres zangões ociosos, que se nutrem do suor e do trabalho de outrem e que, para aumentar seus rendimentos, mandam cultivar suas terras, escorchando os rebanhos até a carne viva. Não conhecem outra economia. (MORUS, Thomas, A Utopia – p.45)

O convívio com as injustiças neste momento de crise fez com que Thomas Morus colocasse em sua obra algumas de suas críticas ao sistema vigente. Contrariando esse sistema a Utopia é o avesso da sociedade deficiente. A visão utópica pretende amenizar os sofrimentos dos homens, poupando-os das angústias, idealizando uma sociedade ideal situada em algum ponto no futuro.

Outros estudiosos têm tratado de explicar a Utopia através da psicologia e seus autores, concluindo que é um sentimento presente na inconsciência de todo homem, segundo Platão, o homem tem necessidade de uma fábula para viver.

Pero las tradiciones pasadas han perdido todo sentido y ya no pueden constituir las bases de una sociedad, y sin embargo, dice Platon, los hombres tienen necesidad de una fábula. (La Utopia, Servier, Jean – p.22)

O modelo de uma sociedade perfeita com leis justas e comuns a todos, criada por Thomas Morus, vêm de encontro à necessidade da humanidade em fugir da realidade para um imaginário ideal.

Em outros momentos da história foram criadas diversas utopias, o século XVI é marcado por várias decepções, depois de abusos de Lutero, os excessos da tirania de Henrique VIII e o autoritarismo de Calvino. Os humanistas se afastam desses reformadores, sem deixar de lado o catolicismo. Estes humanistas pela primeira vez retomam a noção Platônica de leis justas, únicas capazes de dar felicidade a um povo, fazendo com que essa sociedade esqueça dos males do absolutismo e do autoritarismo. Segundo Servier a má administração ocasiona em qualquer cidade o fracasso.

Al mismo tiempo los jefes de empresa, los poderosos financieros, comienzan a pensar que del mismo modo que necesita experiencia para dirigir una casa comercial y evita su quiebra en circunstancias difíciles, hace falta mucha prudencia para dirigir un Estado y ahorrarle aventuras financieras desastrosas. (SERVIER, Jean – p.33)

Estas críticas são voltadas para o descaso dos governantes, pois estes são responsáveis pelo progresso e o fracasso de uma nação.

A Abadia de Telema descrita por Rabelais é posterior a utopia de Morus e esta muito próxima da cidade ideal de Platão.

Esta obra relata a importância da boa educação, pois parte do princípio que, com uma boa formação, o indivíduo permanecerá no caminho da virtude, sem romper os costumes e sem desonrar a dignidade humana.

Rabelais cria o personagem Gargântua que caracteriza-se como um príncipe humanista tendo por princípio a boa educação. Gargântua funda a Abadia de Telema para seu amigo monge. Telema é um lugar sem muralhas que tem forma de um hexágono cujos ângulos estão marcados com nomes e símbolos que escondem uma mensagem.

A vida dos telemitas está regulamentada: seguem sua boa vontade e seu

livre arbítrio. Esta visão, segundo o princípio que vigora em Telema é que pessoas livres, bem nascidas e instruídas, têm por natureza um instinto que as impulsiona às virtudes e as mantem longe dos vícios.

A Abadia de Telema pretende ser a arca destinada a transmitir um ideal de serena ciência, bons costumes, cortesia e liberdade de pensar.

Mais tarde no século XVII surge Campanella que já não é humanista como Thomas Morus. Sua obra expressa sua dupla situação social: homem de igreja respeitando a hierarquia romana e homem do povo, consciente de sua miséria e da insuficiência do evangelho.

Em 1623 Campanella publica "A cidade do Sol" em Frankfurt, que relata a viagem de um capitão de navio que, depois de atravessar um bosque, descobre um lugar composto por sete círculos, os quais possuem o nome de sete planetas sucessivamente. O soberano lugar é chamado de Metafísico, e é auxiliado por três ministérios: Poder, Sabedoria e Amor.

Campanella relata também a importância das relações sexuais dos solarianos, dizendo que os outros povos, preocupados com a melhoria das raças de animais domésticos, esqueciam-se do melhoramento da raça humana, preocupando-se com os jovens que eram treinados e educados para tornar-se bons cidadãos.

Como Thomas Morus, Campanella denuncia a praga do ócio. Os solarianos combatem esta praga, por isso tem uma jornada de trabalho mais intensa do que os utopianos.

Nas utopias de Morus e Campanella reina o comunismo, onde os solarianos e utopianos vivem em uma comunidade harmônica. Nesta comunidade são divididos os ofícios a serem aprendidos e mais tarde cada qual escolhe aquele com o qual mais se identifica, tudo em função do bem estar de todos.

Para Campanella a ciência tem uma importância particular. Todos os magistrados e dignitários solarianos são sábios, não somente eruditos. Sua ciência se funda na memória e no conhecimento da reflexão.

No século XVII, o gênero utópico se desenvolve porque o absolutismo político impede a livre expressão das reivindicações, das aspirações mais específicas da

burguesia, que é convertida em uma classe social poderosa.

Toda filosofia política deste século, as críticas ferrenhas ou moderadas tomam um aspecto inofensivo de uma viagem fictícia e uma exploração imaginária.

Ainda outra utopia, a "Oceana" de Harrington publicada em 1656, é mais um estudo da Inglaterra contemporânea do que uma utopia. Nela o poder executivo e judiciário corresponde a um protetor da república. Sem restrição, o aspecto religioso, a tolerância, a liberdade de consciência é uma regra que separa a república de Oceana da Inglaterra.

No final do século XVII, duas correntes de pensamentos utópicos distinguem-se: uma de caráter sociológico que conserva a crítica social com o intuito de corrigir alguns abusos e tentar modificar a sociedade, e outra, de caráter político, tendenciosa a observar algumas medidas para a renovação do país.

Assim, no início do século XVIII, as tendências utópicas estão mais voltadas para a reflexão política. Esta será uma crítica aos abusos e incoerência da velha ordem monárquica. A obra de Swift é um ataque preciso ao clima político análogo. Swift testemunha o trabalho sujo da política inglesa na Irlanda. Contudo, a conclusão tirada de alguns utopistas como Saint-Simon e Fourier é a importância do trabalho para a felicidade humana. Entre 1840 e 1846, um bom número de socialistas franceses encontram em Fourier mais do que em Thomas Morus, a idéia tranquilizadora de que a agricultura deve ser o fundamento de todo um sistema de produção. A prática da agricultura é uma das atividades que os cidadãos devem aceitar como base para a satisfação pessoal no mundo utópico.

*un mundo que debe ser transformado por el
trabajo de los hombres, pero sobre todo a través de la
agricultura, la actividad pura por excelencia..
(SERVIER, Jean, Los simbolos de la utopia. P- 109)*

Esta idéia é observada por Willian Morris, fundador de uma empresa de móveis em 1861 que, atraído pelo socialismo participa de militância contra a ordem social de seu tempo. Decepcionado com a injustiça do sistema burguês lança mão da utopia para remediar essa situação. Publica "News From Nowhere" em 1891, romance que marca a transição da utopia romântica para o socialismo marxista.

*Morris desea que cada obrero obtenga de su trabajo el
sentimiento de um logro; entonces todo el pueblo podrá vivir
libre y feliz gracias a la creación artística.*
(SERVIER . Jean. *La utopia*-p.81)

Com o resultado negativo da sociedade industrial em meados do século XIX e da passividade dos homens desta época, outros escritores em momentos seguintes criticam a sociedade burguesa, que é contra o socialismo que pregam. Por consequência da ditadura desumana imposta no ocidente, George Orwell, já no século XX, indignado com os acontecimentos, manifesta sua visão crítica ao regime insuportável das classes governamentais de sua época. Em uma de suas obras, publicada em 1948, relata não apenas uma utopia às avessas , mas uma organização governamental possível, embora esta não fosse sua intenção primária por temer represálias e censura dos editores.

GEORGE ORWELL E “ANIMAL FARM”

Eric Arthur Blair era seu nome. Nasceu em 1903, em Montihari , colônia indiana ocupada pelos britânicos. Seus familiares faziam parte das forças armadas da Índia . Por sua convivência com defensores civis, Orwell foi trabalhar como policial na organização imperial britânica, contra sua vontade, pois desejava, na verdade, voltar a escrever. Então deixa as forças armadas por discordar das injustiças e brutalidade da profissão.

Dedicando-se à vida de escritor, optou por relatar o comportamento dos ingleses. Iniciou escrevendo sobre uma invasão de estudantes e artistas em Paris, forma de escrita que foi pioneira em seu tempo.

Seu primeiro livro foi “ Down and Out in Paris and London”, que foi seguido de sua primeira novela “Burmese Days” publicada nos Estados Unidos.

George Orwell muda-se em 1936 para uma vila em Wallington, em Hertfordshire. Dois meses depois casa-se com Eileen, filha de jornalistas e professores.

Orwell enfrentou muitos transtornos para ser reconhecido como escritor , embora com o passar do tempo tenha se tornado um nome de referência. Nesta nova fase de escritor mais solidificado, a base principal de seu trabalho era voltada a contos sobre a pobreza e a depressão .

Em 1936, em momentos de profundas crises na Inglaterra , publica “The Road to Wigan Pier”, uma obra marcada por um novo aspecto , em que mostra a oposição de Orwell ao regime político do poder imperialista e a constituição do sistema de classes. Em junho deste mesmo ano estoura a guerra civil espanhola. George Orwell resolve ir à Espanha para recolher alguns relatórios sobre a guerra . Chegando em Barcelona , juntou-se aos militantes do Partido Obreiro da Unificação Marxista (POUM). Não satisfeito, transfere-se para o Partido Trabalhista Britânico Independente, e mais tarde torna-se tenente.

Com sua experiência em guerras e revoluções políticas, após a publicação de “The Road to Wigan Pier”, relatando uma revolução, na qual ataca a posição socialista britânica, segue a publicação de “Homage to Catalonia”, que vem terminar com seu ataque ortodoxo.

No final de 1938, Orwell adoece com tuberculose e é internado. Com o restabelecimento de sua saúde e cansado de guerra, sua carreira passa por um declínio, muda-se para Londres em 1940 e escreve "The Lion and the Unicorn".

Trabalhando como editor literário, escreve "Animal Farm" em 1943. Orwell estava disposto a publicá-lo, mas não foi possível em virtude da rejeição de vários editores e da repressão política da época.

"Animal Farm", publicado em 1944, foi um dos livros de maior repercussão entre todos os que Orwell já escreveu. Com um caráter satírico, "Animal Farm" foi considerado pelos estudiosos como sendo uma crítica ao sistema político, como imagem do contexto real. Orwell observa a sociedade inglesa de seu tempo, discordando principalmente dos aspectos da política, da economia, não suportando a arrogância dos burgueses que dominavam a população.

A indignação de Orwell a respeito do capitalismo e o efeito que este causa sobre os homens é o tema central de sua obra "Animal Farm", que traduz sutilmente a sua oposição ao regime político em que estava submetido.

I felt that I had got to escape not merely from imperialism but from every form of man's dominion over man. I wanted to submerge myself to get right down among the oppressed, to be one of them and on their side against their tyrants... It was in this way that my thoughts turned towards the English working class. It was the first time that I had ever been really aware of the working class, and to begin with it was only because they supplied analogy... (WILLIAMS, Raymond. George Orwell – p. 15 New York, 1971)

"Animal Farm" traduz a suposta vida pacata no ambiente rural. Mr. Jones, dono da fazenda, tinha vários animais e se ocupava das tarefas cotidianas. Certo dia, o porco, Major, refletiu que a vida de animal era difícil devido à má alimentação. Além dos maus tratos, que sofriam, os animais eram abatidos ainda jovens. Major, indignado, convida a todos os animais para uma rebelião, argumentando sobre a necessidade de uma revolução urgente em benefício das gerações futuras.

Os outros animais que não tinham essa consciência, ficam apáticos até que Major se manifesta dizendo:

Man is the only creature that consumes without producing. He does not give milk, he does not lay eggs, he is too weak to pull the plough, he cannot run fast enough to catch rabbits. (ORWELL, George. Animal Farm – p. 04)

Major conta-lhes o sonho que tivera na infância sua mãe lhe cantava uma melodia de nome "Beasts of England", a qual dizia que algum dia a liberdade chegaria aos animais e estes viveriam tão bem como os humanos. A mensagem foi bem aceita pelos companheiros que não conseguiam parar de cantar a melodia. Todo este barulho infelizmente acorda Mr. Jones que dormia em sua casa. Pensando que fosse um ladrão atira contra o celeiro assustando os bichos.

Deste momento em diante, os animais têm uma nova visão de suas próprias vidas e passam a se organizar. Dois porcos ficam responsáveis pela organização da revolução; Snowball e Napoleon, que estavam previstos para o abate. Na reunião dos animais foram expostos os princípios da revolta do animalismo.

Alguns animais questionam a necessidade desta rebelião já que Mr. Jones não era tão mal assim. E se participassem de tal rebelião, em que seriam favorecidos? Chega-se a conclusão de que, além de riquezas, teriam liberdade. Ao término de todas as reuniões cantavam a música "Beasts of England".

Mr. Jones estava financeiramente enfraquecido. Sendo véspera de São João foi até a cidade e bebeu mais do que devia e de volta, encontra a bicharada na sala de sua casa. Surpreso e sem ação, chama quatro de seus homens para ajudá-lo a retirá-los, mas não é possível. Acha melhor pegar suas coisas e fugir para a cidade.

Os animais, com a posse da morada, destroem todos os objetos que foram usados para torturá-los. Posicionando-se como proprietários da fazenda alimentam-se à vontade, cantando sete vezes a música "*Beasts of England*" para traduzir a felicidade da nova liberdade.

Decidem que a casa da fazenda não poderia ser usada por nenhum animal e algumas regras deviam ser seguidas como:

The seven Commandments

Whatever goes upon two legs is an enemy.

Whatever goes upon four legs, or has wings, is a friend.

No animal shall wear clothes.

No animal shall sleep in the bed.

No animal shall drink alcohol.

No animal shall kill any other animal.

*All animals are equal. (ORWELL, George. *Animal Farm*- p.16-17)*

Estes princípios foram aceitos em seus corações, a ponto de motivá-los a se dedicar

ardorosamente à colheita que por fim, tem um resultado positivo, sendo a melhor de todas as anteriores.

Toda comida era dividida justa e fartamente, o trabalho embora pesado era dividido fazendo revezamento para não desanimá-los. Eles tinham um lema : trabalhar duramente.

Nos finais de semana levantavam mais cedo, para não trabalhar, mas para hastear uma bandeira verde e, após o desjejum, iam até o celeiro para uma reunião em que debatiam sobre o que tinham feito e o que seria programado para a próxima semana. À frente estavam sempre os porcos Snowball e Napoleão, os porcos sabiam ler e escrever e se encarregavam de organizar todos na fazenda, exigindo para isso em sua alimentação leite e maçã madura. Todos concordavam em preservar a saúde dos porcos governantes.

Estes fatos passam a ser conhecidos em todo o país. Mr. Jones, desolado, passava seu tempo sentado, lamentando-se a outros vizinhos sobre as monstruosas injustiças que havia sofrido com a rebelião dos animais.

Alguns fazendeiros até se compadeciam de seu sofrimento mas, secretamente, preocupavam-se com o rumo que tomaria a fortuna de Mr. Jones. Para isso planejaram um ataque à fazenda com a ajuda de Mr. Jones com o objetivo de expulsar os animais, mas não esperavam a reação aos ataques. O confronto foi violento e os bichos saíram vencedores.

Após a guerra alguns animais foram embora e os que ficaram intensificaram as reuniões para o planejamento da lavoura do ano seguinte. As instruções para o plantio eram seguidas pelo grupo com base no livro de agricultura do senhor Jones.

Com o passar do tempo uma rivalidade cada vez maior entre Napoleon e Snowball começa a existir, até que o ardiloso Napoleon consegue expulsar seu inimigo.

Da rivalidade dos comandantes criou-se a desconfiança dos animais sobre o status dos que comandavam, os princípios foram violados, apareceram formas de opressão usadas para manipular os animais em prol de maior rendimento no trabalho, a alimentação foi diminuída só para os trabalhadores, visto que os governantes comiam e bebiam fartamente.

Outras gerações vieram e estas não tinham lembranças da revolução. Embora continuassem trabalhando, os sete mandamentos foram transformados em apenas um:

*All animals are equal but
some are more equal than others.
(ORWELL, George. Animal Farm- p.92)*

Como vimos “Animal Farm” em um primeiro momento se assemelharia à uma utopia às avessas, o fato esta é uma definição de distopia:

Pur riconoscendo alla distopia una qualche intenzione etica(il suo messaggio può essere considerato come una messa in guardia dagli sviluppi perversi di certe tendenze in atto), tuttavia essa finisce col provocare nell'animo umano l'angoscia del futuro, che è paralizzante per l'uomo ; a differenza dell'utopia Che, in quanto coscienza dell'insufficienza del presente, costituisce un potente stimolo all'azione.(QUARTA, Cosimo. Paradigma, edeale, utopia: The concetti a confronto.p-195)

Na distopia, o espírito humano vive a angústia do futuro, este sentimento faz com que os indivíduos se prendam ao presente, sem esperança de melhora conservando somente o “ status quo”.

Não havendo nenhum estímulo a ação, pois na distopia o futuro pode ser portador de incertezas, este comportamento é justificado por um sentimento de inércia. A distopia pode ser definida como a contra mão da utopia Nesta é preocupa-se resolver problemas de desajuste real partindo para o imaginário, sendo possível repensar outras formas de convívio social a nível de ficção.

A utopia é um lugar estabilizado em que reina a harmonia com uma república surpreendentemente igualitária, é uma viagem para um lugar feliz, distante e propício a esquecer o plano real. Jean Servier define perfeitamente o desejo que sustenta a utopia:

Sueños que niegan las dificultades del presente, que situam em las perspectivas de um futuro encantador o de un viaje imposible la solución de todos los problemas, conciliando el reino de la burguesia ilustrada com las aspiraciones del pueblo. (SERVIER, Jean. P -63)

Jean Servier coloca que a sociedade dos utopistas é um sonho que nega as dificuldades de forma a tornar este sonho um objetivo a ser alcançado, uma esperança de vida sem sofrimentos e injustiças.

Já na distopia a incerteza do porvir gera conformismo, descaracterizando a motivação de mudança :

Per essa, infatti, il futuro non è portatore del <<meglio>>, ma del <<peggio>>. Donde l'angoscia del futuro, la paura del mutamento, l'avversione radicale verso ogni istanza rivoluzionaria o semplicemente innovativa, la propensione, o meglio, la determinazione a conservare lo atatus quo. (QUARTA, di Cosimo, p-195)

Em "Animal Farm", é evidente a presença de uma ação contra o sistema em que vivem, os animais (o povo), rebelando-se contra Mr. Jones. Os animais são lançados para um futuro incerto, mas seus ideais poderiam ser beneficiados pela liberdade e isenção dos maus tratos. Esta certeza caracteriza inicialmente uma base para a utopia.

Sobre o novo regime ou uma nova condição os animais criam regras, chamadas de mandamentos, que organizariam as relações futuras. Elas têm o sentido de protegê-los contra o antigo sistema:

The seven commandments

1. *Whatever goes upon two legs is an enemy.*
2. *Whatever goes upon four legs, or has wings, is a friend.*
3. *No animal shall wear clothes.*
4. *No animal shall sleep in a bed.*
5. *No animal shall drink alcohol.*
6. *No animal shall kill any other animal.*
7. *All animals are equal.* (Orwell, George. "Animal Farm". P-16-17)

O desprendimento do antigo em busca do novo regime, traduz a imaginação de um lugar que poderia funcionar em harmonia e que todos seriam iguais respeitando-se mutuamente. A evidência de uma visão utópica encontra-se também na música cantada por todos nas reuniões de consenso:

Beasts of England

*Beasts of England, beasts of Ireland,
Beasts of every land and clime,
Hearken to my joyful tidings
Of the golden future time.*

*Soon or late the day is coming,
Tyrant Man shall be o'erthrown,
And the fruitful fields of England
Shall be trod by beasts alone.*

*Rings shall vanish from our noses,
And the harness from our back,
Bit and spur shall rust forever,
Cruel whips no more shall crack.*

*Riches more than mind can picture,
Wheat and barley, oast and hay,
Clover, beans, and mangel-wurzels
Shall be ours upon that day.*

*Bright will shine the fields of England,
Purer shall its waters be,
Sweeter yet shall blow its breezes
On the day that sets us free.*

For that day we all must labour,
Though we die before it break;
Cows and horses, geese and turkeys,
All must toil for freedom's sake.

Beasts of England , beast of Ireland,
Beasts of every land and clime,
Hearken well and spread my tidings
Of the golden future time. (ORWELL, George. Animal Farm. P- 7-8)

O que parecia um lugar ideal para todos ganha nova forma de dominação, a dominação dos porcos. Os animais são dóceis e não questionam quando pressionados ao trabalho exaustivo.

O cenário anterior de plena “felicidade” passa por momentos de dificuldades iniciadas com a convocação de todos para a colheita da lavoura, embora esta fosse a melhor dos últimos tempos na fazenda. No balanço das despesas não conseguiam repor as ferramentas, e alimentos para todos, sujeitando-os a vender o que produziam à cidade. Este aspecto vai contra os anseios da divisão igualitária dos bens, perpetuando certos vestígios do regime antigo. Em consequência disto, um novo slogan é proferido por Sansão, o cavalo, o mais empenhado de todos os animais: “I will work hard”.

Esta decisão contraria o anseio da comunidade, que reflete comparando o antigo e o novo regime, sentindo a imposição do líder que para motivar a camaradagem lança aos seus companheiros um *slogam*: “*I will work hard.*”

Refletindo sobre este “trabalhar duramente” , percebemos o elemento distópico, pois a revolução dos animais tinha como objetivo transformar as condições de vida de todos os bichos. Neste novo contexto as mudanças não representam facilidade para os habitantes desta comunidade. Os porcos, diante da liderança da fazenda e para seu conforto pessoal, exigem comida diferenciada, argumentando a necessidade de resguardar a saúde. Conforme o discurso:

*Our sole object in talking these things is to preserve our health, milk and apples
(this has been proved by science, comrades) contain substances absolutely necessary to
the well-being of a pig . We pigs are brain- workers. (ORWELL, George. Animal Farm. P
-24)*

Com este discurso sutil, Napoleão faz com que os outros animais aceitem tal exigência, obedecendo, assim, conforme o pedido, uma alimentação que continha leite e

maçã.

Como podemos perceber, esta tomada de decisão é um instrumento usado para tolerar o direito dos cidadãos de uma comunidade, situação que não ocorreria em um lugar ideal, harmonioso e utópico .

Para atender a necessidade de tornar legais as ações ilícitas dos que tinham o poder, foi necessária a mudança dos mandamentos: "No animal shall kill any other animal whithout cause". (grifo nosso) (ORWELL, George. Animal Farm-p.62)

Estas regras modificadas causam a indignação de alguns animais, com relação à imponência de Napoleão e os rumos da comunidade, mas devido à habilidade dos porcos, agora totalmente detentores do poder, os outros animais não levam a diante os questionamentos, tornando-se uma comunidade passiva. A manifestação de Napoleão é uma imagem nítida da política totalitarista. A condição pacífica dos animais evidencia uma característica distópica, por apresentar um comportamento inerte.

Donde l'angoscia del futuro, la paura del mutamento , l'aversione radicale verso ogni istanza rivoluzionaria o semplicemente innovativa, la propensione, o meglio, la determinazione a conservare lo atatus quo.
(QUARTA. Di Cosimo- p. 195.)

Mesmo sendo a maioria, os animais não tiveram forças para traçar uma revolta, concedendo, assim, a dominação de Napoleão.

Segundo **Cosimo Quarta** , a distopia é o medo do momento e a angústia do futuro. Assim, podemos justificar o comportamento dos animais em negar a ânsia do progresso.

Pelas circunstâncias vividas anteriormente à mudança dos mandamentos, podemos perceber um tempo em que todos pareciam ser tratados igualmente. A duração deste tratamento foi de tempo suficiente ao surgimento do grupo que comanda e do que é comandado.

Orwell é brilhante ao escrever a trapaça idealizada pelos porcos , no momento da autoria do projeto de construção do moinho ;

On the contrary , it was he who had advocated it in the beginning, and the plain which Snowball had draw on the floor of the incubator shed had actually been stolen from among Napoleon's paper. The windmill was, in fact, Napoleon's own creation. (ORWELL, George. Animal Farm-p.40)

É interessante ressaltar a trapaça executada por Napoleão com o interesse de ser o mentor da idéia. Apesar da dura tarefa de construir o moinho, os animais continuavam a trabalhar. Estes eram movidos pelas promessas falsas de Napoleão.

O clima entre Napoleão e os outros animais fica tenso e estes passam a observar a semelhança entre o governo de homens e o dos animais. Podemos notar a relação que o autor deixa implícita na crítica sobre a sociedade de sua época, usando para tal os animais de uma comunidade semelhante a dos humanos. Em todos os sistemas de governos haverá jugo aos dominados, dando lugar a uma viagem para um mundo ideal e imaginário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos ver, aos poucos uma sociedade que era para ser igualitária, acaba tomando um clima ainda pior do que o esperado.

Encontramos na análise de “Animal Farm”, aspectos utópicos e distópicos. Enquanto a utopia se espelha na realidade para idealizar um mundo melhor, a distopia também se espelha na realidade, mas para mostrar um futuro sem esperança, um mundo pior.

Nesta pesquisa não foram explorados todos os elementos distópicos da obra, devido ao curto período para sua entrega. Mas gostaria de retomá-la para aprofundar mais no tema, pois tem um vasto campo para trabalhar.

BIBLIOGRAFIA

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Tradução de Sérgio Magalhães santeiro. 4º edição. Editora Guanabara.

MORUS, Thomas. *A Utopia*. Tradução de Luís de Andrade. Prefácio do prof. Mauro Brandão Lopes. Ediouro, 22º edição – Rio de Janeiro.

ORWELL, George. *Animal Farm*. Longman. Malaysia, 1993.

QUARTA, Cosimo. *Paradigma, Ideale, Utopia: Tre concetti a confronto*. Edizioni dedalo. Baro, 1993.

SERVIER, Jean. *La Utopia*. Traducción de Ernestina Carlota Zenzes. Fondio de Cultura Economica. México, 1993.

WILLIAMS, Raymond. *George Orwell*. Reprint Originally published: New York: Viking Press, 1971.